



Filha do sistema

Carla Isabel Menezes



Título: Filha do sistema

Autor: Carla Isabel Menezes

Design da capa: Carla Isabel Menezes

Revisão: G.R.A.T.O & Carla Isabel Menezes

Publicação: © Adictosáescrita.com

1ª Edição: outubro 2023

ISBN: 9789403708980/ 9789403728674

Deposito Legal: 524475/23

© <Carla Isabel Menezes>

É expressamente proibida a reprodução da presente obra no todo ou em parte sem a autorização prévia do autor e da entidade GRATO-Grupo de Apoio aos Toxicodependentes (NIPC 503441767)

Todos os nomes descritos no livro são fictícios, alguma semelhança com algum conhecido será pura coincidência

<http://grato.pt/sobre-nos/>
<https://www.facebook.com/GRATOIPSSPORTIMAO>

<https://www.facebook.com/Sonhoserroneos>
<https://www.facebook.com/carladelemosemenezes/>
<https://www.instagram.com/carlaisabelmenezes/>
<https://www.linkedin.com/in/carla-isabel-4568b0248/>

GRATO- Grupo de apoio aos toxicodependentes
Av. ^a Guimarães (Pavilhão)

8500—507 Portimão

Telefone/Fax: 282 419 306

Telemóvel: 969 753 177



Este livro é dedicado a todas as Instituições que intervieram no meu processo de recuperação e regresso à Vida.

O crescimento e a maturidade que hoje tenho só foi possível por todos estarem aí. O meu muito obrigada a todos.

Carla Isabel De Menezes

A reconstrução humana vem das raízes que nos invadem a alma e nos libertam o coração.

Carla Isabel De Menezes

Sinopse

Estas linhas contam a história de uma adita que teve apoio de várias Instituições e mostram como estas impactaram a sua vida. Este é um testemunho verídico de uma adita em recuperação, que deu os seus primeiros passos em liberdade no Grato. Não só nos transpõe para um mundo quase imaginário, como cenas tiradas de filmes, como nos dá a esperança de renovação do Ser Humano.

Temos acesso ao testemunho da autora na primeira pessoa, com o objetivo de dizer a todos os adictos que é possível recuperar e que as instituições podem ter impacto nas mudanças de vida. Carla diz que quando pensa no Grato pensa na seguinte frase Bíblica: *“Quem salva uma vida salva o mundo inteiro”*

Prefácio

Escrevo este livro após ter escrito o Livro “*Memórias de uma Órfã*”. A minha esperança e intuito é que seja lido por jovens e encarregados de educação, tentar explicar o flagelo dos maus-tratos, nas suas consequências e como nos podem levar a vivências sombrias, devastadoras e muito dolorosas.

O que começa aos Sábados à noite como que uma fuga da realidade com os amigos em forma de festa e brincadeira, rapidamente se transforma no maior pesadelo das nossas vidas. Os caminhos tortuosos das vivências de um adito ficam-lhe marcados na alma. Irá interferir em todas as vivências para o resto das suas vidas e as faturas a pagar são sempre maiores do que a ilusão do prazer que a droga nos dá.

Uma história de vida que envolve muitas outras, onde os que se salvaram são milagres da natureza e têm por obrigação passar o seu testemunho: na realidade, ainda assim depois de tudo, é possível ser. Voltar a adquirir a essência com que nascemos requer um esforço árduo, emocional, psicológico e físico.

Escapar às malhas da droga é nascer de novo e eu renasci várias vezes. A fazer 20 anos de recuperação, faço as contas das vezes que tive de me despir de mim própria e voltar a vestir-me. O abandono tinha-me tornado tão invisível que nem eu me via bem no espelho, a não ser uma imagem tal “coisa” fusca e enevoadada.

Depois de muita persistência para me olhar com olhos de ver, o meu espelho reflete uma imagem luminosa. Sou eu a conseguir ser feliz, a recuperar a essência roubada na minha meninice e a seguir o meu propósito que é simplesmente tentar dizer-vos o que nunca ninguém vos disse: existe sempre uma história que nunca foi ouvida, um trauma que nunca foi tratado, ninguém se droga só porque sim, mas também existe a libertação e um caminho florido cheio de encantos e novas descobertas.

Sou órfã desde os 13 anos e vivo sozinha desde então. Conheci pessoas de todas as "espécies", passei por coisas que dificilmente a vossa imaginação alcança, sempre sozinha, e/ou nas companhias de cães e gatos. Já fui ao inferno, mas voltei por não gostar de tal destino. Não me impressiono com futilidades, o meu carácter não se corrompe e mantenho sempre a pureza no coração.

Uma vida não vivida, num outrora que me aprimorou os sentidos de alerta e me faz ver de longe as boas e as más pessoas. Sei o que o Ser humano é capaz de fazer Sei o que sou capaz de fazer! Consigo ser muito melhor do que tu imaginas e o pior do que tu já conheceste.

Podes fazer tudo o que quiseres, mas não podes prejudicar ninguém. A única coisa que exijo aos demais Seres Humanos dá-se pelo nome de RESPEITO!

Sem palavras

*Tudo aquilo que se vê e não se consegue exprimir
Sem palavras...
Não posso deixar de sentir
Sem palavras...
Demonstra-se tudo aquilo que se vê nos seus rostos
Angustiadadas
Desesperadas
Desamparadas
Ah! Espera de uma expectativa!
Não há saída...Não há saída
Sem palavras...
No meio desta multidão
Sem palavras faz doer a alma e o coração
Por mais que queira entender é mentira...
Não consigo perceber
O que é o homem afinal?
Vive em cativeiro, deixa-se levar pelo vento, esquecendo
os seus semelhantes, julgando-se mais que outrem?
“Pensamentos ignorantes”
Talvez o que penso ou que penso sentir...
Tenho vontade de “fugir”
Bloqueada do mundo, de tudo e de todos...
Esquecendo as coisas fúteis da vida...
Meu cérebro é uma parede
Estou concentrada numa redoma
Parece que sou só eu
Acho estranho...estranho...estranho...*

É realmente uma sensação...

Sem palavras...

Mas que estou eu a pensar?

No meio de tanta loucura...

Talvez...

Esteja a passar-me

É ...aquilo que estou a ver...a sentir!

*Por entre vibrações, eu sinto as radiações de quem se
senta à minha frente sem se aperceber que está no meio
de tanta gente*

*Oh! Gatinha medíocre e traz em seu rosto tanta
arrogância, esquecendo as coisas fúteis da vida
esquecendo a sua própria ignorância...*

*Porque não usa esta gente a linguagem verbal?
Não, olham-se mutuamente querendo ferir toda a
gente...*

*Oh! Gatinha ignorante que está sempre em conflito
constante...*

E Eu...

*Vou-me sentindo sufocada, bloqueada, deslocada...
No meio de tanta arrogância.... Onde penso que todos
perderam a Esperança*

E continuo a pensar

Sem palavras...

*Tudo aquilo que estou a ver e não quero perceber.
Sem palavras.*

Estabelecimento Prisional de Tires 1995

Em 9 de fevereiro de 1995 fui detida pela G.N.R, em Lagos, no Algarve. A minha idade nessa altura, 19 anos. Dormi nos calabouços que ficavam ao lado dos estábulos, durante toda a noite ouvi os cavalos e senti o cheiro entranhado nas paredes e no colchão miseravelmente sujo. A ressaca tinha-se apoderado de mim, vomitava sem parar, o cheiro que exalava o meu corpo era nauseabundo, mal me aguentava de pé com as dores e os espasmos, completamente moribunda.

No dia seguinte, 10 de fevereiro, o cheiro tinha piorado a 100%. O cheiro de um ressacado é algo indescritível. A pele começa a ficar com uma cor acinzentada e toda eriçada como pele de galinha, os vómitos são cada vez mais frequentes e mais dolorosos, todo o corpo escorre água, o suor fica marcado onde eu me sento, o frio deixa-me completamente congelada, tremo que nem varas verdes.

Deveriam ser umas 11 da manhã quando me levaram ao juiz. O crime era um furto qualificado no qual eu, no entanto nada havia roubado. Havia entrado numa vivenda e apareceu uma senhora grávida – *“não tenha medo, não faço mal, pode chamar a polícia.”* -disse.

Não sei se estava cansada e já queria desistir de viver este horror, ou se foi pelo fato de ser uma mulher grávida, o certo é que não reagi e sentei-me enquanto ela gritava: *-Natália, Natália, uma ladra ...*

Podia ter fugido, empurrá-la, saído pelo mato fora, mas tudo o que eu pudesse fazer naquela altura simplesmente não me pareceu viável, e apenas fiquei ... A culpa por alguém fazer um aborto por minha causa deu-me arrepios. A barriga dela era enorme, acho que foi por isso, não sei bem!

A uma dada altura apareceu o marido da senhora, acho que a empregada lhe tinha telefonado. Vinha louco, começou a bater-me, protegi-me, continuei sem reagir e a mulher grita e diz: *-Para de lhe bater, ela é uma criança.*

Ele parou e chamou a GNR. Indignado e enraivecido, a meu ver normal pois por medo de eu ser perigosa, o que eu fazia ali. Eu só repetia – *“chame a polícia eu não fujo, eu não faço mal.”* - Nunca vou perceber porque não fugi. Eu sabia que estava errada, talvez por isso.

O juiz quando olhou para mim, sem eu ter falado, já tinha tomado uma decisão. Encheu-me de perguntas e eu apesar de tudo o que já tinha vivido era muito ingénua e respondi quase toda a verdade, só não lhe contei que a minha recente atividade era fornecer o bairro onde eu morava, com utensílios simples como talheres, alguidares, pratos, roupa de criança e adulto entre outros.

Eu tinha uma atividade estranha?! É simples perceber, era um bairro que prosperava com o negócio da droga e todos os dias chegavam pessoas novas oriundas da Guiné e Cabo Verde na sua maioria, claro que também havia Angolanos, Portugueses e

outras nacionalidades, mas a língua ali era o crioulo, o português e às vezes o romani -dialeto cigano.

Aquelas pessoas não estavam ali porque queriam, mas sim por julgarem que aquele era o último recurso para pôr o pão na mesa dos seus filhos. Vinham sem nada, só tinham a barraca de madeira, por isso os meus serviços eram muito úteis. Mais tarde também ficam viciadas, mas no dinheiro, o que começa por uma necessidade rapidamente desperta sentimentos de poder, adrenalina e isso também vicia.

Até crioulo eu aprendi a falar e algumas palavras de romani. Eles precisavam de comprar coisas do dia a dia, e eu era a rapariga que os fornecia, aceitava até encomendas. Já tinha uma tabela especifica para certas coisas, por exemplo, um édredon era ½ grama, um cobertor, uma mucha que era bem menos quantidade, talheres e coisas mais simples dependia da quantidade, do traficante e da ressaca que eu tivesse. Para mim era um bom “negócio” uma vez que o resto das miúdas só tinham uma maneira de alimentar o vício, a prostituição, os bares de alterne ou namorar um traficante.

O facto de ser negra deve ter facilitado este meu negócio, pois logo arranjei uma casa no bairro e fui “adotada” pelo menos por alguns traficantes, o que fazia com que os outros também me aceitassem. Entrar no meio da cultura negra sendo criada por brancos, figuras das forças de autoridade, não é muito fácil.

Eu estava sempre pedrada e passei a pertencer à comunidade. Eles sempre me estenderam a mão, deram-me a

barraca, a cachupa que me davam a comer, os fiados, as encomendas das coisas que eles precisavam. Quando roubava alguém de fora (homens, claro) eles protegiam-me, só não podia roubar pessoas do bairro e no dia que roubei um traficante e fui apanhada, levei uma grande tarefa, mas não me expulsaram como faziam à maioria dos brancos quando eram apanhados. Também lhes guardava a droga quando havia rusgas. Como era uma miúda a polícia nunca me revistava, mas também não tinham mulheres para o efeito e nessas alturas eu aproveitava para roubar e depois eles ainda me pagavam pelo serviço prestado. Os sacos tinham tantos pacotes de heroína e cocaína que eu tirava alguns de cada saco e eles nem davam conta.

Para roubar os traficantes tinha de se ter astúcia, não se podia ir com muita sede ao pote, caso contrário, a mama acabava e ainda podia haver ajuste de contas que vai até à possibilidade de nos venderem estricnina ou darem-nos uma carga de porrada que nos deixam de cama entre muitas outras coisas inexplicáveis. Uma ação leva a outra, existe o fenómeno grupo e nunca sabemos como um ajuste de contas acaba...em morte é o mais certo!

Vi coisas naquele bairro incrivelmente loucas e absurdas. Os toxicodependentes e os traficantes fazem coisas que não lembram a ninguém. Existem pessoas mesmo desprezíveis! Havia um sujeito cigano que passava todos os limites ao ponto de tirar a seringa com sangue dos braços dos outros e injetar nele. Andava sempre com outro. Apesar de andarem os dois nos roubos, o Guilherme, roubava tudo e todos, não tinha nenhum tipo de

escrúpulos. Acabou morto, não me lembro bem se ele foi morto com estricnina ou à porrada. Casos mais “bicudos” eram assim que os traficantes tratavam, não só punham o bairro em

risco, porque chamavam lá a polícia, como era mau para o negócio, pois os clientes começavam a ter medo, se bem que o medo ali era relativo! o facto é que aquilo eram 24 horas por dia, nunca parava.

Acho que chega uma altura que estamos prontos para tudo.... Era de fato tudo muito agreste e desajustado, surreal mesmo!

O Juiz perguntou-me onde eu morava, disse-lhe que morava no bairro Palácio.

- *O que faz para viver*

- *Arranjo clientes para os traficantes e eles tiram-me a ressaca.*

Lógico que tudo isto levou muito tempo, foi um interrogatório como deve ser, sem eu me aguentar sequer de pé e nem conseguia pensar. Julgo que o fato de o meu nome me denunciar, também não ajudou, pois com um pai Chefe da PSP, com as minhas idas ao tribunal enquanto menor porque “fugia” do colégio, e estava à guarda do estado, o Juiz tinha lá o meu relatório todo, sei que nunca irei esquecer aquelas palavras, nem o nome do juiz.

-*“Eu decreto a prisão preventiva, mas não é pelo crime que a menina cometeu, vou mandá-la para a cadeia para se tratar e vou fazer questão de acompanhar o seu caso. Vou fazer o seu*

juízo e se a menina se meter na droga na cadeia e não vier curada, eu não a deixarei sair. A menina vai ser presa para se tratar, pois o que tenho à minha frente não é uma jovem de 19 anos, mas sim um farrapo humano”.

O nome do juiz, Albuquerque, tinha utopia de uma geração sem conhecimento algum sobre o mundo da droga ou das cadeias, ele realmente acreditava nisso. Inocente criatura! Tinha agora outro problema por causa das declarações que havia feito. Também cometia um crime de tráfico de droga, dar, vender, ceder, oferecer, é um crime punível por lei. Mais tarde tive de voltar ao Ministério Público e mudar as declarações para o crime de tráfico cair. O senhor do Ministério Público até se ria das coisas que eu tinha dito e explicava pacientemente que aquilo não fazia sentido, que eu não era traficante de droga. A advogada oficiosa nunca abriu a boca e no fim disse que eu não devia ter dito ao juiz que ia voltar para o bairro.

Bem, eu morava no bairro!!!

La dizer o quê???

Quando ouvi as palavras do juiz comecei aos gritos e disse-lhe que para ir presa preferia morrer, enquanto partia os vidros do tribunal e cortava-me no pescoço. Ainda cortei um GNR quando me agarravam para eu não me cortar mais. Os GNR conheciam-me bem como uma das “miúdas do patronato”. Havia um deles cuja mulher trabalhava para a avó do meu filho na loja e muitas vezes trabalhámos juntas. A avó do meu filho tinha acabado de falecer, fui presa no dia do seu funeral.

Eu perguntava-me como tinha chegado ali, estava outra vez à guarda do Estado. Aquilo começava a ser um hábito! Tinha sido tudo muito rápido, tinha feito os 18 anos. Devido às privações sofridas até aquela altura, a falta de orientação, de repente estava ali.

Estive 5 meses presa. Uma verdadeira escola. Entrei lá burra por dizer a verdade ao juiz, mas ali, bem ... ali aprendi tudo o que precisava e não precisava. Não é que fosse inocente, mas não era suficientemente marginal para ali estar. Não era, mas aprendi a ser!

Primeira paragem, cadeia de Faro. A parte das mulheres era um corredor com 4 ou 5 celas, com uma janela que dava para o recreio dos homens, também acho que tínhamos um sítio minúsculo para apanhar sol, não me lembro bem, acho que estive lá no máximo 3/4 semanas, mas pareceu uma eternidade.

A minha ressaca foi horrível, eu nem sabia que ressacava tanto. Sei que eram 3 pessoas para me darem banho e eu caía, deitava sangue pelo ânus, coisa fácil de verificar porque era da altura que se defecava para dentro do balde, urinei na cama vários dias, por isso lembro-me do sítio exíguo com sol porque tive de lá pôr o colchão a secar.

O meu corpo estava a colapsar, não sei quantos dias estive de cama. Na altura ficávamos sozinhas na cela em observação. Sei que ao fim de alguns dias, não sei quantos, foram-me buscar à cela levaram-me para a sala de visitas onde se encontravam uma data

de miúdos da minha idade. Era o dia do meu aniversário, iria fazer 20 anos.

Os miúdos eram estudantes e eu era o seu material de pesquisa. Uma jovem da idade deles, que tinha caído nas malhas da droga, extremamente debilitada, presa com ordens para se tratar e não pelo crime. Quiseram ouvir a minha história de vida, faziam perguntas sem fim, tiravam apontamentos. Eram crianças bonitas, disponíveis, bem formadas, eram uns queridos. A reunião com eles durou até à hora de almoço. O Guarda veio buscar-me para comer, naquela altura até os guardas pensavam que eu ia sair por ter sido chamada de novo ao Ministério Público. Nem para eles fazia sentido eu estar presa, sendo que deveria estar num sítio para me tratar de facto, mas talvez ali não fosse o melhor. Os miúdos saíram dali muito emocionados, alguns até choravam, depois das despedidas, dos abraços calorosos que eles tinham disponíveis para mim. Voltaram a seguir ao almoço com um bolo de aniversário para me cantarem os parabéns e aí quem chorou fui eu. Quando a guarda abriu a cela e foi buscar-me não fazia ideia para o que era, como sempre, mas quando cheguei à sala de visitas eles estavam lá e gritaram: -Surpresa, Parabéns.

Nunca irei esquecer aquele dia e aqueles miúdos. Só me lembrava de uma única vez ter tido um bolo de aniversário, o bolo dos 13 anos que era um bonito piano, A festa para a qual eu só pude convidar 6 meninas e pus os meninos no telhado. Mas naquela altura o meu pai já estava a morrer e eu sabia-o! Esta festa de aniversário simples e espontânea foi uma das coisas que

me marcaram agradavelmente para a vida. Tinha uns 20 “convidados” entre meninos e meninas, e até hoje foi a minha maior festa de anos. Talvez a única que me marcou de facto, dentro da cadeia de Faro.

Desejo mesmo que lhes tenha passado uma mensagem nítida do que era o flagelo da droga. Falei-lhes muito do bairro, das miúdas e miúdos da prostituição, dos roubos, dos traficantes, do cheiro a defecação em que eu vivia, da minha casa ao lado da pocilga, de como tomava banho, o que era uma verdadeira aventura pois tinha de tirar água fria do poço, que ficava longe e com uma caneca lá ia despejando a água no corpo enquanto tremia. Expliquei tudo o que consegui, respondi às perguntas que me colocaram e como lamentava não ter tido pais para ser como eles.

Nesse dia também fiz um amiguinho preso, acho que era o recluso mais novo do lado dos homens e toxicodependente. Era mais velho, mas esteve comigo na primeira reunião com os miúdos da parte da manhã. Na parte da tarde quando eles voltaram para me cantarem os parabéns, pedi para o chamarem, mas os guardas disseram que ele não podia vir, mas que lhe podia mandar uma fatia de bolo. Nunca vi um bolo dar tanta fatia! Guardei para ele e para as minhas companheiras de corredor. Quando lhe mandei o bolo escrevi qualquer coisa na parte de dentro da caixa, algo do género: - “Depois diz se os guardas te deram o bolo, beijinhos.” As guardas, leram, pois era tudo

revistado, ficaram “piursas”, disseram que eu estava armada em esperta, mas passou, nada de grave!

Logo comecei a trocar os meus desenhos e pequenas frases giras por tabaco e café. Havia uma moça que estava detida por tráfico de droga, o namorado estava preso também, era da Polícia Judiciária. Acho que desviava droga para vender, nunca percebi se eles consumiam ou só vendiam, sei que ela escrevia imensas cartas para trocar na tal janela do recreio. Quando lá estive desenhava todas as margens e escrevia cartas de amor para ela lhe dar. Passados uns dias estava a escrever para todas e a desenhar. Elas não me deixavam faltar nada, desde comida, tabaco, café, produtos de higiene, proviam-me de tudo o que eu precisava. Uma miúda sem pai, sem mãe, sem visitas, presa porque usa drogas é logo acolhida pelas outras reclusas mais velhas. Arranjei logo uma mãezinha, a minha mãe negra! Ela tomava conta de mim, também estava presa por tráfico, vinha de um bairro de Quarteira. Dava-me banho, lavava-me o colchão, dava-me de comer, fazia tranças no meu afro e dizia que eu tinha um cabelo muito bom. Era um querida. Não sei mesmo o tempo que estive no E.P (Estabelecimento Prisional) de Faro, mas sei que fiquei muito amiga daquelas pessoas. Ainda hoje falamos pelas redes sociais temos um grupo criado por mim onde juntei todas as reclusas daquele tempo que mudaram de vida e estão bem. Até temos uma guarda prisional adicionada no grupo.

No tempo que lá estive, um casal de franceses procurados internacionalmente foi preso em Quarteira. Uns bandidos como

deve ser...julgo que assaltavam bancos e o marido foi preso. Ela, uma profissional muito eficiente foi de helicóptero buscar o marido à cadeia e fugiram para Portugal. Nunca tinha conhecido assaltantes de bancos nem mulheres daquele calibre, aquilo eram criminosos à altura! Tudo o que sabíamos era pela comunicação social. Ela nunca abriu a boca para contar a versão dela. Sei que ficou presa muitos anos.

Algum tempo depois fui transferida para Tires, ia de tranças que a minha mãe negra tinha feito e com umas calças roxas e uma blusa preta. Fui transferida eu e mais 6 reclusas. A cadeia de Faro era mais para transito, as residentes eram poucas, já tinham feito o pedido para ficar e estavam à espera para inaugurar a cadeia de Odemira.

Quando cheguei ao EP de Tires e saí da carrinha celular, aquilo parecia um filme de terror. Entramos na portaria, as outras iam felizes e eu não percebia porquê. Por escolha minha teria ficado com a minha nova mãe, a minha mãe negra. Passado algum tempo percebi o porquê de tanta felicidade, de facto aquilo não tinha nada a ver com Faro.

Enquanto estávamos na entrada a ser revistadas e a receber as boas-vindas da Chefe Francisca, as reclusas que eram cerca de 400 mulheres de todas as etnias que eu observava através de um vidro que estava antes de um enorme “gradão”, trepavam que nem macacos e algumas diziam aos gritos: *“És toda boa ... vou te comer toda ...anda cá anda ...”*

A chefe reparou que eu estava apavorada e disse:

- Não tenhas medo, aqui ninguém te faz mal.

Eu não estava muito certa disso e a adaptação foi difícil. Acho que foi, e digo acho, porque no segundo dia já traficava comprimidos.

A população prisional é bastante difícil de controlar e como os reclusos estão todos juntos, desde os maiores assassinos até aos tristes toxicodependentes, para evitar ânimos exaltados a ideia é a população em questão andar entorpecida, drogada, se andar sóbria pode dar trabalho, então uma maneira fácil e legal é nos encherem de medicação.

Assim que eu cheguei umas quantas reclusas explicaram-me o esquema e disseram logo quais os comprimidos que deveria pedir para elas comprarem. A B.S era lésbica, e eu fiquei hipnotizada, não de amores, mas sim pelo fato de ela parecer mesmo um rapazinho. Se não fosse uma cadeia de mulheres eu não acreditava que era uma miúda.

A B.S usou todo o seu charme para explicar tudo a mim e à minha companheira de cela, a qual por acaso tinha vivido comigo no Bairro e era mais uma vítima, a Pauluxa. O certo é que a Pauluxa foi uma mão na roda, era mais velha, apesar de bastante jovem e mais experiente que eu, quando cheguei ao bairro ela já lá estava e era a única branca que tinha uma barraca sem ser traficante. A barraca dela servia para vender droga e para nós os “junkies” /consumidores nos drogarmos, claro que cada um dava uma ponta, esse era o pagamento por usar as instalações e assim ela não tinha de se ir prostituir, também era esperta. Naquele

momento o melhor que nos tinha acontecido era termos ficado na mesma cela.

Como traficar já era algo que sabíamos fazer, assim começou a nossa vida de traficante de comprimidos. Eu e ela não tínhamos visitas, eu por não me dar com a minha família e nem me lembrava que eles existiam, na realidade eles não sabiam da minha existência desde os 13 anos nem eu da deles, o ultimo dia que vi alguém da minha família foi no funeral do meu pai, tirando o meu irmão mais velho que se foi despedir de mim antes de ir para Angola e me ofereceu o casaco à *Michael Jackson* e o meu irmão mais novo que tinha um ano quando eu fui institucionalizada naquele colégio horroroso e que acabou com alguma réstia de esperança que pudesse haver em mim. Sempre que perguntavam algo à cerca de mim e deles.

- Eu dizia: *-Eu não tenho família!*

Aquilo era tão certo para mim, era a minha verdade! Aquela proposta de venda dos meus comprimidos logo nas primeiras horas de cadeia foi fabulosa pois assim já tinha como comprar tabaco e beber café. Eu gostava mesmo era de droga, comprimidos não era a minha cena, por isso foi fácil. Todos os dias de manhã a minha cela ficava cheia de reclusas para a compra dos comprimidos. *Valium, Surmontil, Tercian, Dormicum, Serenal* entre outros. O *Dormicum* chegava a valer 1000 escudos, era o mais caro, a seguir era o *Tercian*, depois descobri que dava para o fumar na prata. O *Dormicum* era para picar, o resto era só meter para dentro, fazia imensa impressão porque elas